

O RENDIMENTO DE FIBRA NA SAFRA DE 1951/52

Todos os que acompanharam as discussões havidas no início da comercialização da safra de algodão de 1951/52, quando do estabelecimento do preço mínimo para esse produto na base de Cr\$ 85,00 por arroba, estão lembrados que um dos argumentos invocados pelos que acreditavam em sua inviabilidades, era o de que a não correspondência desse preço ao de Cr\$ 255,00 por arroba de pluma, também, era devido ao fato de que não se obtinha no beneficiamento o rendimento de fibra admitido pelos estudos realizados e sobre os quais se baseara a referida legislação. Especialmente alguns setores da indústria de beneficiamento de algodão fez alarde desse fato, alegando que o rendimento de pluma da safra que se iniciava não iria além de 31 a 32%, ao contrário dos 35,5% admitidos nos meios oficiais. Apesar de, na ocasião, já ter se iniciado o beneficiamento — e que daria certo visto de autenticidade de a referida alegação — não foi difícil desmentir tal prognóstico. É que a ascensão quase contínua da porcentagem de rendimento do algodão paulista já era fato bem conhecido, tendo a média ponderada do Estado, atingido, na safra anterior, de 1950/51, a porcentagem de 36,31. Apesar de possível certa variação de porcentagem de fibra, de uma safra para a seguinte, não se poderia admitir, e isso com fundamento científico, que nas atuais condições da produção paulista, esta variação atingisse 4-5%. Para melhor conhecimento do assunto, este boletim publicou (ano-II, nº 6, julho de 1952, pag. 21) os dados estatísticos oficiais, completos, sobre a produção e o rendimento de algodão em pluma em São Paulo, desde a safra de 1933/34 até a de 1950/51, e por los quais ficou plenamente evidenciada a ascensão a que acima nos referimos.

Nesta safra, como faz todos os anos, a Seção especializada da Divisão de Economia Rural vem acompanhando de perto o desenvolvimento do beneficiamento de algodão em todas as usinas do Estado e já tem, agora, os resultados dos trabalhos de 103 máquinas que no mês de setembro haviam encerrado suas atividades neste ano. O movimento dessas máquinas engloba cerca de 40% do total de algodão em caroço produzido no Estado e assim, achamos de interesse publicar aqui os dados de rendimento de fibra, por Setor Agrícola .

RENDIMENTO DE PLUMA OBSERVADO NAS USINAS DE BENEFICIAMENTO

SAFRA 1951/52

(Resultados parciais)

<u>SETORES</u>	<u>Usinas</u>	<u>Algodão trabalhado toneladas</u>	<u>Produção d/pluma líquida toneladas</u>	<u>Porcentagem d/rendimento</u>
Araçatuba	14	64.804	22.693	35,02
Araraquara	4	4.533	1.646	36,31
Avaré	5	17.021	5.980	35,13
Bauru	6	13.174	4.744	36,01
Bebedouro	4	9.527	3.370	36,13
Campinas	4	9.381	3.477	37,06
Catanduva	4	7.514	2.939	37,78
Itapetininga	2	1.454	495	34,04
Jau	2	3.728	1.323	35,49
Marília	12	51.558	18.057	35,02
Piracicaba	5	13.174	4.775	36,25
Pirassununga	5	12.311	4.628	37,59
Fres.Prudente	18	108.114	37.478	34,67
Rib. Preto	7	28.791	10.321	35,85
S.J.R. Preto	10	53.045	18.981	35,59
Somas	103	397.929	140.707	
Média geral ponderada				35,36

Nota:— De acordo com dados obtidos nos mapas mensais, organizados pelos Fiscais das usinas, cujo beneficiamento já terminou.— Na produção de pluma, esta incluída a de desclassificados e resíduos . —

Como vemos, a média ponderada de rendimento de fibra nessas 103 máquinas, atinge 35,36%, número bem acima dos 31/32 % alegados por certos maquinistas no início da safra, praticamente igual ao rendimento admitido pelo decreto que fixou o preço mínimo do algodão e bem próximo da média obtida em 1950/51.

Dissemos que se pode admitir a ocorrência de pequenas variações de um ano para outro, especialmente devido as condições climáticas adversas. Na presente safra, entretanto, outros fatores também devem ser levados em conta como concorrendo para essa variação e que são:— o enorme atraso para o início da colheita e do beneficiamento do algodão em caroço e o seu armazenamento demorado e inadequado — muitas vezes, exposto ao tempo —, bem como alguma falta de interesse quanto ao bom beneficiamento— fato natural e de se esperar, uma vez que a maioria das máquinas não trabalhou por conta própria e sim, para o maior comprador da safra— o Banco do Brasil. Não fossem essas as circunstâncias, poder-se-ia esperar um rendimento mais alto, talvez superior ao da safra passada.